CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

Railda Pierot Vieira

Projeto Fanzine: Som Perdido

Brasília

2013

Railda Pierot Vieira

Projeto Fanzine: Som Perdido

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão de curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais - FATECS do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Orientador: André Ramos, M.SC.

Brasília

2013

Railda Pierot Vieira

Projeto Fanzine: Som Perdido

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão de curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais - FATECS do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Orientador: André Ramos, M.SC.

Brasília, 14/06/2013

Banca Examinadora

_____

Prof. André Ramos
Orientador

_____

Prof. Bruno Nalon
Examinador

_____

Profª Úrsula Diesel
Examinador

Agradecimentos

Dedico este trabalho a minha família e amigos pelo apoio durante todos esses anos e pela colaboração para que este projeto fosse realizado.

Resumo

Este trabalho trata da proposta de criação de um fanzine cujo tema é a música *underground*. Em tempos onde as músicas que aparecem nos canais de comunicação parecem ser cada vez menos trabalhadas e novos artistas com grande potencial não têm a mesma oportunidade para mostrarem seu trabalho, este fanzine tem o objetivo de ser um meio de divulgação para músicos independentes. Para a composição do fanzine, foram realizadas pesquisas bibliográfica, documental e entrevista com uma banda local, ao final deste, o projeto **Som Perdido**, um fanzine que aborda sobre músicos de vários gêneros musicais.

Palavras – Chaves: Música, *underground, fanzine, Som Perdido.*

Introdução

Todos os dias somos bombardeados por centenas de músicas pouco elaboradas que ganham grandes proporções de sucesso. Enquanto isso, do outro lado, muitos artistas que se preocupam em produzir um bom conteúdo e transmitir uma mensagem através de suas letras, ainda assim, acabam não conquistando o grande público, nem os meios de comunicação. Em seu livro Sobre Cultura e Mídia, Roberto Moura aborda a questão da ausência da Música Popular Brasileira na televisão:

> [...] os articulistas e críticos da MPB vêm alheando-se há décadas do nó fundamental destas relações: o que pensa a tevê brasileira da nossa música popular, um dos melhores produtos que temos para vender no mundo e a mais bem-sucedida forma de expressão artística do nosso povo? Por que a MPB foi banida da telinha? Quem determinou isso e por que se obedece tão servilmente e há tanto tempo a esta ordem? Quem leu uma linha sobre isso num grande jornal, ou numa grande revista? Por quê? Será descuido, incompetência - ou um tabu da pauta? [...] (MOURA, 2002, p. 82)

O Brasil tem muitos talentos e uma grande mistura de estilos musicais que esperam pela oportunidade, um espaço para a divulgação de seus trabalhos nos grandes veículos de comunicação.

A música de massa atinge grande parte da população com letras simples geralmente acompanhadas por um refrão repetitivo. É exatamente este tipo de música que consegue ultrapassar facilmente a barreira das rádios. Muitos músicos, para alcançar maior público, se prestam às mudanças tanto visual quanto em sua composição para que sejam aceitos nos meios de comunicação e nas grandes rádios.

A música *underground*, por possuir maior liberdade de composição, abordando muitas vezes, assuntos como política, religião, alienação, entre outros, acaba sendo ignorada. Os artistas independentes pagam o preço por essa liberdade tendo suas canções negadas a serem tocadas nas rádios. Pablo Ornelas:

> É principalmente por causa da suposta perda de autonomia que ocorre com uma banda de *rock underground* ao assinar um contrato com uma grande gravadora, que encontramos as maiores críticas e os maiores diferenciais entre o *rock underground* e o *pop rock*. Por exemplo: caso uma banda *punk* que vivencia a cena *underground* venha a assinar contrato com uma grande gravadora, na maioria das

> vezes, será desrespeitada pela maioria das tribos do *rock underground*, enquanto para os apreciadores do *pop rock* e para a grande mídia será bastante respeitada na medida em que alcança maior público. Essas tribos urbanas acreditam que, quanto mais essas bandas se inserem no mercado, mais deixam de criar suas músicas de forma independente e mais produzem apenas o que o mercado pede, perdendo assim a sua autonomia e, muitas vezes, a sua posição inicial, crítica deste mercado. (ORNELAS, 2007, p.42)

Normalmente músicas começam como uma brincadeira entre amigos e acabam se tornando algo mais sério, da brincadeira buscam o sucesso profissional e a construção de uma identidade visual. Nesse momento que determinada banda ou artista escolhe o caminho que quer seguir. Manter seu estilo, suas letras ou mudar para um estilo mais comercial, que possa alcançar a grande massa.

Atualmente a música é nitidamente comercial, já que se percebe a falta de preocupação com a composição ou arranjos. Uma música considerada sucesso, logo ganha muitas versões e é tocada repetidamente nas rádios, isso mostra a falta de preocupação em mostrar seu trabalho e sim estar cantando o que passa no momento para também estar em evidência.

O *rock* é um gênero que não tem uma divulgação convencional e quem vai ao show de uma banda independente, percebe certa dificuldade em encontrar informações. Para quem se mantém no cenário *underground*, um meio de divulgação é o Fanzine.

> É o Fanzine o veículo que se contrapõe ao descaso do mercado editorial, que não contempla de forma adequada o fluxo da produção dos artistas nacionais, muito menos a obra dos novos autores. [...] O Fanzine é, pois, um produto de grupos marginalizados cultural e geograficamente. É porta-voz de um tipo de cultura que denominamos genericamente de underground, contracultura, alternativa ou independente. (MAGALHÃES, 2005, p. 17)

Uma opção de veículo alternativo para artistas que buscam divulgar seus trabalhos é o fanzine. O fanzine é uma revista produzida de um fã para o outro, de baixo custo, com conteúdo de preferência do seu autor. Por ser um meio independente, tem a liberdade de abordar temas de caráter fictício, videogames, filmes, homossexualidade, poesias, quadrinhos, música, entre outros. Abrange todos os tipos de informações da atualidade e nostalgia, ou de algo que realmente encante tanto quem escreve quanto a quem ela é destinada.

> De um modo geral o Fanzine é toda publicação feita pelo fã. Seu nome vem da contração de duas palavras inglesas e significa literalmente *revista do fã* (de fanatic magazine). [...] Os Fanzines são o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas, que possam ser reproduzidas e enviadas a outras pessoas, fora das estruturas comerciais de produção cultural. (GUIMARÃES, 2005, p. 11-12)

A produção do fanzine tem o objetivo de mostrar a cena independente local, que muitas vezes não têm a oportunidade de mostrar seus trabalhos, seja nas rádios ou na televisão, por seus videoclipes geralmente pouco convencionais. Tendo como objetivo a busca e troca de informação e a interação com fãs.

O cenário local tem diversas bandas que lutam por um espaço no mercado fonográfico, mas que encontram dificuldades de mostrarem seu trabalho. Bandas independentes tem algo a dizer, mas falta um espaço que seja igual para todos os músicos. Em um fanzine, que também é um veículo independente, uma banda tem total liberdade de expor suas ideias, sem a censura que o mercado impõe.

Por ser uma revista que pode ser feita por qualquer pessoa, basta que goste do seu tema escolhido. É uma produção onde o gosto pelo que se faz está acima do dinheiro e da repercussão de seu trabalho.

1 Metodologia

Um Fanzine é uma produção amadora, geralmente seus editores não têm condições financeiras para produzi-lo com as melhores ferramentas e papéis. Feitos com desenhos a mão, geralmente no formato de um papel A4 dobrado ao meio, sua reprodução em grande maioria é através de reprografia e distribuída a amigos e interessados pelo tema Fanzine, o produto final pode ser distribuído gratuitamente ou a valores baixos.

Para esse projeto foi realizada pesquisa exploratória com posterior desenvolvimento do produto. Para a parte inicial foram usadas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Segundo (GIL, 1989, p. 71), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Já a pesquisa documental “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. (GIL, 1989, p. 73)

Para o embasamento teórico do projeto, foram usadas as duas maiores referências sobre Fanzines no Brasil, Henrique Magalhães e Edgard Guimarães. Por ser um tema que não é muito abordado, os livros foram adquiridos da própria editora do Henrique Magalhães, a Marca de Fantasia que funciona online.

O fanzine trará ilustrações e, para auxiliar nessa produção, foram usadas as ferramentas *Corel Draw* e *Photoshop*. Para a produção do conteúdo do fanzine foram realizadas pesquisas na internet para elaboração de matérias sobre alguns gêneros que fazem parte da cena alternativa e entrevistas com bandas locais.

Ainda segundo GIL, entrevista é uma técnica em que o entrevistador questiona o entrevistado e, assim, coleta informações que possam lhe ajudar a chegar ao resultado da investigação. Para o fanzine será realizada a entrevista focalizada.

> A entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. (GIL, 1989, p. 117)

2 Teoria de Base

2.1 Indústria Cultural

Theodor Adorno tem um capítulo em **Dialética do Esclarecimento** onde fala sobre a Indústria Cultural. O autor aborda no livro o cinema e o rádio como um meio de propagar a padronização da Indústria Cultural. Para ele:

> [...] o cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO, 1985, p. 58)

É uma indústria de necessidades criadas, “o facto de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais” (ADORNO, 1985, p.58).

Com a padronização dos produtos não se tem espaço para produtos diferenciados, a criatividade não é necessária. É devido a esse meio padronizado que os consumidores aceitam os gostos que são impostos a eles (ADORNO, 1985).

Sobre o rádio Adorno diz “democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações” (ADORNO, 1985, p.58). Neste contexto, o rádio exclui de sua programação, músicas que possam ter um diferencial para executarem somente o que está nada moda. Ainda sobre o rádio escreve Adorno:

> No quadro da rádio oficial, porém, todo traço de espontaneidade no público é dirigido e absorvido, numa selecção profissional, por caçadores de talentos, competições diante do microfone e toda espécie de programas patrocinados. Os talentos já pertencem à indústria muito antes de serem apresentados por ela: de outro modo não se integrariam tão fervorosamente. A atitude do público que, pretensamente e de facto, favorece o sistema da indústria cultural é uma parte do sistema, não sua desculpa. (ADORNO, 1985, p.58).

Segundo Adorno, na indústria cultural tanto os artistas quanto os filmes se renovam de tempos em tempos, mas seu conteúdo continua o mesmo. Podemos prever o que pode acontecer na sequência de um filme e memorizar uma música facilmente (ADORNO, 1985).

Em relação ao cinema, Adorno mostra que os filmes acabam por se tornar uma extensão da realidade. Realidade essa que é retratada com perfeição nas telas. Observa o autor:

> O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiana, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme. (ADORNO, 1985, p.59)

Na indústria cultural os produtos são entregues prontos, o consumidor apenas senta e espera receber sem nenhum questionamento o que lhe é oferecido. Para Adorno:

> para continuar a ser um prazer, não deve exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais. O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento – mas através de sinais. Toda ligação lógica pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. (ADORNO, 1985, p.65).

A indústria cultural força os indivíduos ao consumo desenfreado e a aceitarem sem imposição aquilo que a indústria lhes oferece. A cultura da mesmice, onde o inovador não tem espaço.

> Eternamente sorriem os mesmo bebês nas revistas, eternamente ecoa o estrondo da máquina de jazz. Apesar de todo o progresso da técnica de representação, das regras e das especialidades, apesar de toda a atividade trepidante, o pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia. (ADORNO, 1985, p.69)

Por fim, é uma indústria que cria estereótipos para igualar gostos, o que acaba facilitando a disseminação dos produtos que rádios, revistas e cinema produzem, alcançando assim, um maior número de pessoas.

2. 2 Rock Underground: Uma Etnografia do Rock Alternativo

Em seu livro *Rock Underground: Uma Etnografia do Rock Alternativo*, Pablo Ornelas realiza um estudo trazendo a definição do que seria o *rock underground* e sua distinção do *pop rock*:

> [...] O *rock* se dividirá em duas importantes e imprescindíveis categorias de análise: o *rock underground* e o *pop rock* (rock comercial ou rock popular). O primeiro continuará com o caráter contestatório, questionando os padrões socialmente estabelecidos e, assim, quase não participará dos circuitos divulgados pelas grandes mídias ou mídias corporativas, existindo muitas vezes de forma independente e/ou autônoma, enquanto o segundo obterá enormes espaços nessas mídias através de estruturas infinitas de propagandas publicitárias e merchandisings expostos nos mais diversos meios de comunicação. (ORNELAS, 2007, p. 19-20)

Sendo assim, no *rock underground*, o artista tem uma liberdade maior para composição, ritmo e estética, já que muitas bandas que tocam em rádios sofrem interferências como tocar sua música em versão acústica ou eliminar solos de guitarra pesados para serem aceitos.

Além de compartilhar o significado do *rock underground*, Ornelas também traz uma análise do público que ouve este tipo de estilo musical. Trazendo o que seria o *Neotribalismo* ele diz “opondo-se ao individualismo moderno, ou seja, ele surge como resposta a uma sociedade que cada vez mais distancia os indivíduos.” (ORNELAS, 2007, p. 36). O *neotribalismo* vem para uma aproximação das pessoas, nesse caso, se daria com a identificação com um estilo e através de pessoas que compartilhem da mesma experiência.

Sobre as mudanças de estilo que ocorreram ao longo do tempo, Pablo Ornelas mostra as variações de uma vertente musical, no primeiro, o estilo *underground* sobrevive no meio independente, no outro a facilidade de divulgação e identificação com um público é maior.

> Enquanto o *hardcore*, hoje conhecido como *oldschool*, possui uma preocupação mais voltada para a crítica social e, principalmente, para a crítica do capitalismo, o *emocore* se preocupa com a individualidade, voltando-se para um lado mais emotivo e sentimental das relações sociais e, sobretudo, das relações pessoais. (ORNELAS, 2007, p. 39)

Também é relatada a influência de grandes gravadoras e da mídia na produção de uma banda ou artista. Essa influência de gravadoras é a diferença entre ser acolhido pelos veículos de comunicação e pelo público ou ter total controle de seu trabalho. Estar em uma grande gravadora tem um preço a ser pago, pessoas que acompanhavam sua carreira em fase inicial, geralmente irão desprezar o fato de

aparecerem nos grandes veículos e serão acusados de se “venderem”. (ORNELAS, 2007, p. 42)

2.3 O que é Fanzine

Fanzine é o termo que vem do inglês para *Fanatic Magazin*e, que traduzindo é a revista do fã. Surgiu por volta de 1930 nos Estados Unidos. “A palavra *fanzine*, no entanto, só foi criada em 1941 por Russ Chauvenet, nos EUA” (GUIMARÃES, 2005, p. 14).

Segundo (MAGALHÃES, 2005, p.17) “o fanzine é, pois, um produto de grupos marginalizados cultural e geograficamente. É porta voz de um tipo de cultura que denominamos genericamente de *underground,* contracultura, alternativa ou independente”.

Por ser um produto de contracultura, o editor de um fanzine tem a liberdade de escolha tanto no que se refere a conteúdo, quanto na sua diagramação, é o próprio editor responsável por tudo que acontece em sua criação.

> Uma das características mais importantes dos fanzines é que seus editores se encarregam de todo o processo de produção. Desde a concepção da idéia até a coleta de informações, a diagramação, a composição, a ilustração, a montagem, a paginação, a divulgação, a distribuição e venda, tudo passa pelo domínio do editor. Em muitos casos, até mesmo a impressão é feita pelo editor, que aprende a lidar com o produto jornalístico de uma forma global. O controle de todo o processo editorial, embora exija mais tempo e habilidade, dá ao editor maior liberdade de criação e execução da idéia. (MAGALHÃES, 2011, p. 37-38)

Para a reprodução de um fanzine, seus editores contam com um meio mais barato, “o fanzine é uma publicação independente e amadora, quase sempre de pequena tiragem, impressa em mimeógrafos, fotocopiadoras, ou pequenas impressoras offset” (MAGALHÃES, 2011, p. 36).

Além do recurso mais barato de impressão, na distribuição do material não é diferente. O editor pode distribuir seu fanzine para amigos ou para outros fãs por meio de correspondência, pode ser gratuitamente ou baixos valores.

> Os fanzines são o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas, que possam ser reproduzidas e enviadas a outras pessoas, fora das estruturas comerciais de produção cultural. (GUIMARÃES, 2005, p.12)

O fanzine é uma revista, mas existe a diferença de propósito entre o fanzine e a revista profissional, começando pela escolha do conteúdo. Enquanto que na revista profissional, a pauta vai de acordo com o gosto da maioria dos leitores, no fanzine a pauta é escolhida pela preferência de seu autor.

Atualmente além da versão impressa, os fanzines podem ser divulgados no meio digital, em CD Room, ou em sites criados para a divulgação de materiais. Mas de acordo com Henrique Magalhães:

> Para alguns leitores e editores, a *frieza* da informática gerou uma reação que se fez sentir no início, num apelo à pureza dos fanzines sujos e artesanais, características de uma linguagem pessoal que, para eles, não deveria ser maculada. (MAGALHÃES, 2005, p.34)

2.4 A Música Popular Brasileira e a televisão

Em seu livro Sobre Cultura e Mídia, Roberto Moura busca refletir a questão da música brasileira não ser valorizada por sua própria televisão. Observa o autor:

> Tendo se tornado uma adversária poderosa, a tevê não pode inibir, contudo a criatividade dos compositores. Mas inibe seu acesso a um público maior - e o que é muito pior: inibe obviamente a própria discussão do assunto, seja pelos artistas que realmente pensam a sua profissão, seja pelos especialistas que ocupam os espaços na mídia impressa e são os encarregados oficiais de intermediarem o encontro dessas obras com o seu público. Como a música brasileira é extremamente respeitada em todo mundo e a nossa televisão, tecnicamente, está entre as melhores do planeta, por que esse desencontro de interesses? A quem interessa que a tevê boicote a música? (MOURA, 2002, p.73-74)

Como a tevê inibe o acesso à música popular brasileira, a impressão que se tem é de que ela está extinta. E em seu lugar, artistas com composições consideradas fáceis passam nos programas de televisão com grande frequência.

> Práticas inconfessáveis, na verdade, que chegam ao absurdo de produtores musicais de uma emissora assumirem ter pedido a

> terminado compositor para “simplificar” a sua música. Ou retirar dela um acorde dissonante, uma nota *blue.* Ou ainda evitar a frase melódica que não seja rigorosamente tonal. Mas qual o preço de um autor assinar embaixo de que aceitou isso? (MOURA, 2002, p. 74)

Situações assim que acabam por descaracterizar um artista para que ele tenha acesso a um público maior. Para Roberto Moura, a ideia de que não se tem artistas novos dá vantagem a grandes gravadoras e artistas que já estão nesse ramo a mais tempo.

O autor reconhece a importância da música popular brasileira como um objeto de estudo que deveria segundo (MOURA, 2002) “ser entendida como produto de prioridade absoluta em pelo menos quatro pastas: Cultura, Educação, Comunicações e Relações Exteriores”.

3 O PRODUTO: FANZINE *SOM PERDIDO*

A escolha pelo nome *Som Perdido* é uma referência à dificuldade em encontrar conteúdo sobre os músicos do cenário independente. A capa simples contendo apenas a ilustração e o nome da revista tem a intenção de provocar a curiosidade em quem abrir o fanzine para a sua leitura.

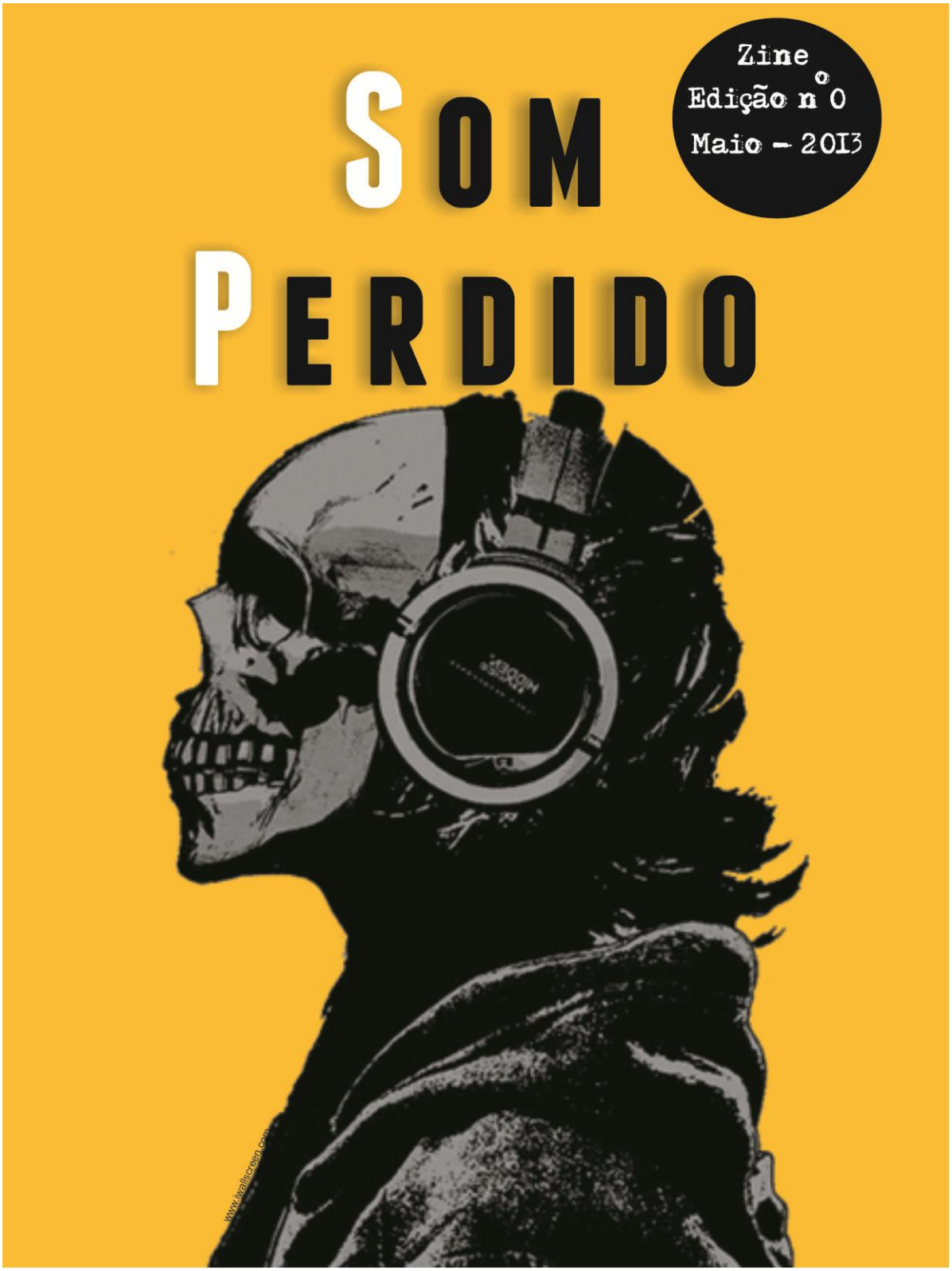
O Fanzine é um veículo alternativo e sua intenção inicial eram divulgações de desenhistas. Para que não perdesse esse caráter, foram escolhidas ilustrações de artistas que usam a internet como uma ferramenta de divulgação tais como Tang Yau Hoong, Zak Smith e Jimmy Zombie.

Na produção deste fanzine foram realizadas pesquisas bibliográficas para a composição das pautas, por ser a edição inicial, foram escolhidos artistas nacionais, bandas locais e internacionais.

O processo de escolha da tipografia foi optar por uma letra que desse a impressão de ter sido feito em uma máquina de escrever. Os textos foram produzidos com o objetivo de ter uma linguagem fácil e de uma leitura que não fosse cansativa, por isso tem textos menores e muitas imagens.

Com a produção deste fanzine, uma das grandes dificuldades era de encontrar informações para a pauta que foi selecionada, além disso, a seleção de ilustradores que condissessem com o projeto produzido. Na diagramação, as páginas mais dinâmicas para uma maior interatividade com o leitor.

O intuito é ter uma revista independente que fale sobre artistas independentes, sem preferência por gêneros. Produzir um fanzine é uma atividade satisfatória, pois dá liberdade ao editor para fazer como for o seu gosto. Além do mais, o editor tem que aprender um pouco de tudo, participando da diagramação, redação e edição, dando ao produtor grande aprendizado.


Zine
Edição nº 0
Maio - 2013
SOM
PERDIDO
www.kwallscreen.com

Ilustrações

http://jimmyzombieillustrator.tumblr.com

http://zaksmith.tumblr.com

http://tangyauhoong.tumblr.com

www.juanmartinbone.blogspot.com

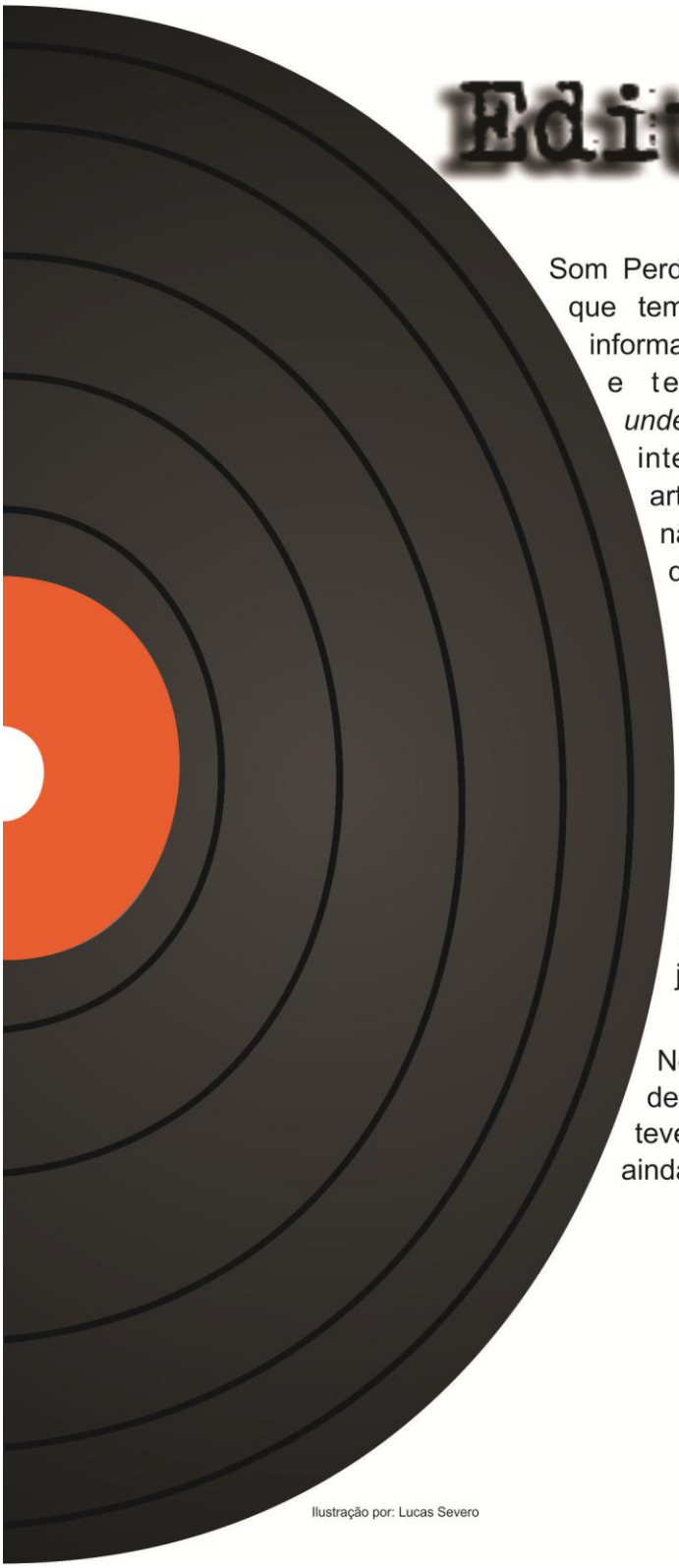
Lucas Severo

www.customize.org

www.pgood-wallpapers.com

www.weheartit.com

© TangYauHoong.com



Editorial

Som Perdido pretende ser uma revista que tem como objetivo a troca de informação para um público que gosta e tem interesse pela cena *underground*, tanto nacional como internacional. Existem muitos artistas de ótima qualidade, mas não têm o reconhecimento, o que dificulta a busca por material.

Ao invés de nos acomodarmos com a falta de conteúdo, a melhor maneira de reverter isso é arregaçar as mangas e seguir o lema *do it yourself* (faça você mesmo). Porque não precisamos engolir o que os veículos de comunicação jogam para nós.

Nesta primeira edição, o *zine* destaca o Trip Hop, gênero que teve seu auge nos anos 90 e hoje ainda cultiva fãs no meio alternativo.

Ilustração por: Lucas Severo

Trip Hop

Em tempos onde tudo é rápido demais; conversas, pessoas, os dias e as músicas... o Trip Hop veio na contramão de toda essa euforia e tem como característica, um ritmo mais calmo ou, se preferir, o down tempo traz como influência o jazz, a música ambiente e o reggae.

Surgiu na década de 80, como uma opção alternativa ao hip hop norte americano daquele período. O Trip Hop tem como berço a cidade de Bristol na Inglaterra. Considerada como um dos principais portos de tráfico de escravos. Atualmente, é uma das cidades britânicas com maior diversidade racial, fato que ajudou a fazer do hip hop a subcultura local.

O ritmo pode até ser britânico, mas foi graças a um americano que o nome Trip Hop surgiu. Em junho de 1994, o jornalista inglês Andy Pemberton, em uma edição da revista *Mixmag*, descreveu o single In/Flux do DJ Shadow como :

"uma combinação de bpms, samples de spoken word, cordas, melodias, ruídos bizarros, um baixo proeminente e batidas lentas, dando ao ouvinte a impressão de estar a experimentar uma trip musical".

ção por: Lucas Severo

O começo...

Imagem retirada do site: www.dontpaniconline

Por volta de 1983, surgiu o grupo *The Wild Bunch* e ajudou a assinar o Trip Hop como um gênero de Bristol. No final dos anos 80, o *The Wild Bunch* assinou um contrato com a Virgin Records e mudou o nome para *Massive Attack*, com a formação de Robert 3D, Mushroom e contava com contribuições de artistas como Kid Tricky e Hooper.

Imagem retirada do site www.geeksofdoom.com

Mas foi na década de 90 que o Trip Hop mostrou sua força; em 1991, o Massive Attack lançou seu primeiro álbum, *Blue Lines*, que obteve um grande sucesso no Reino Unido e foi considerado a primeira manifestação de um hip hop exclusivamente britânico. Robert 3D relembra em entrevista: *"Na época, nem sabíamos se iríamos terminar o disco. Acho que conseguimos encapsular o nosso mundo naquele álbum. Foi algo contra o sistema, contra o que havia nas rádios e na TV".*

www.mojoindie.com

Em 1994, a banda Portishead, também de Bristol, lançou seu primeiro disco intitulado Dummy, tendo como principais influências os anos 60 e 70 e trilhas sonoras de filmes. Com músicas como *Glory Box*, o grupo ajudou a alavancar o gênero e fez com que se tornassem uma das bandas mais conhecidas do Trip Hop.

http://www.espalhafactos.com

Já em 1995, o cantor Tricky que, até então participava ativamente, tanto cantando quanto compondo, no Massive Attack, lança Maxinquaye, primeiro álbum solo considerado um dos mais sombrios do Trip Hop.

Foi devido a esses artistas e álbuns marcantes, que o Trip Hop levou sua influência para vários artistas de outros gêneros como Gorillaz, Nine Inch Nails, Radiohead, Deftones e Bjork.

MAS NEM SÓ DE PASSADO VIVE O TRIP HOP

Atualmente, também existem grupos que podem representar muito bem o estilo, veja algumas dessas bandas.

www.discoclash.com.br

The XX - Considerada uma banda Indie, traz muitas características do Trip Hop, como canções sussurradas e um ritmo bem tranquilo. A banda foi formada em 2005, na cidade de Londres, e tem dois álbuns lançados XX (2010) e Coexist (2012).

wavepressure.wordpress.com

Blood Orange - Projeto do cantor britânico Dev Hynes, o Blood Orange têm apenas um álbum, Coastal Grooves, de 2011. Apesar de atual, o disco tem um gostinho de anos 80. Além do Blood Orange, Dev Hynes tem vários projetos como Lightspeed Champion. Além de compor para outros artistas ainda tem espaço para escrever contos.

Nem só da Inglaterra vive o bom Trip Hop. Nos Estados Unidos, o *Lovage* foi um projeto paralelo dos cantores Mike Patton, Jennifer Charles e do DJ Kid Koala. Music To Make Love To Your Old Lady By, foi o único álbum lançado pelo trio e mostra um Trip Hop de ótima qualidade.

www.psonic.net

forum.0day.kiev.ua

A banda belga *Hooverphonic*, que têm como inspiração as bandas *Massive Attack* e *Portishead*, já passou por duas vocalistas: Liesje Sadonius, de 1995 à 1998, Geike Arnaert, de 1998 à 2008, e atualmente contam com Noémie Wolfs. Apesar de três cantorias diferentes, o *Hooverphonic* conseguiu manter a essência. Com a nova vocalista lançaram, em 2010, *The Night Before*.

© 2009 Juan Martín Boné
6

Desde então a música me trouxe esse sentimento de onipotência. Onipotência para consumo próprio. Desde então fui guitarrista, baterista, compositor, vocalista, baixista, romântico, lírico, imortal. Mesmo que durante (e quase sempre por) três minutos.
O resultado é que hoje minhas armas para enfrentar quaisquer problemas costumam ser três acordes. Eles me dizem o que, como, quando e onde fazer. Dificilmente erram.
[...] Sei que são apenas manifestações sonoras de um quarteto ou quinteto. Mas sei que não são apenas manifestações sonoras. Arte muda vidas. O talento de certas pessoas muda sua forma de pensar, sua forma de encarar o mundo e quantidade de problemas embaixo do tapete deste. Música muda vidas.
É apenas energia, algo impalpável a preencher o silêncio. A vida também é apenas isso, se vocês considerarem isso algo a ser classificado como apenas.
Luiz Cesar Pimentel.
Você Tem Que Ouvir Isso!
© TangYauHoong.com
7

life is music…
8

Vitrola Calanga

Formada por volta de outubro de 2011, a banda brasiliense Vitrola Calanga é composta por estudantes da UnB. Sua formação original contava com os integrantes Raphael Oliveira, Hugo Aquira, Fernando Borgneth, Guilherme Martins, Alessandro Mosca e André Luis. Os integrantes Hugo e Fernado saíram e sua atual formação conta com Mateus Vilanova, Gabriel Feitosa e Caio Miranda.

Imagem cedida por Raphael Oliveira Homar

O grupo se reuniu por incentivo de uma amiga, que sugeriu que eles montassem uma banda para participar de festivais. O primeiro foi o Festiva Universitário de Música Candanga da UnB (FINCA) de 2011.

No dia 07 de março deste ano, participaram do evento Multiculturalismo Abstrato considerado, até então, o show mais importante para a banda. Sendo uma banda alternativa, foi realizada uma entrevista para saber como veem a cena musical da cidade. Confira a entrevista com Raphael Oliveira, flautista da Vitrola Candanga.

O espaço para divulgação de novas bandas em Brasília é favorável?

Favorável é, sempre rola alguns eventos, festivais e festas para a promoção das bandas locais, mas para tocar para a massa, já fica complicado, geralmente sempre é um público seleto que comparece a essas manifestações.

Você acha que fazer parte da cena *underground* traz uma maior liberdade ao artista?

A cena underground mostra o que a censura não mostra, não que a censura seja uma coisa instaurada abertamente na nossa sociedade, mas ela ainda existe, e só de fazer parte de uma cena que é feita por quem participa, a liberdade de expressão é usada com afinco.

Qual sua opinião sobre as mudanças que as grandes gravadoras fazem na hora da divulgação?

Bom, se a banda for de acordo com a mudança e não for alterar a imagem da banda, músicas, eu até acho uma ajuda, mas quando começa a interferir demais na vontade dos integrantes, não concordo.

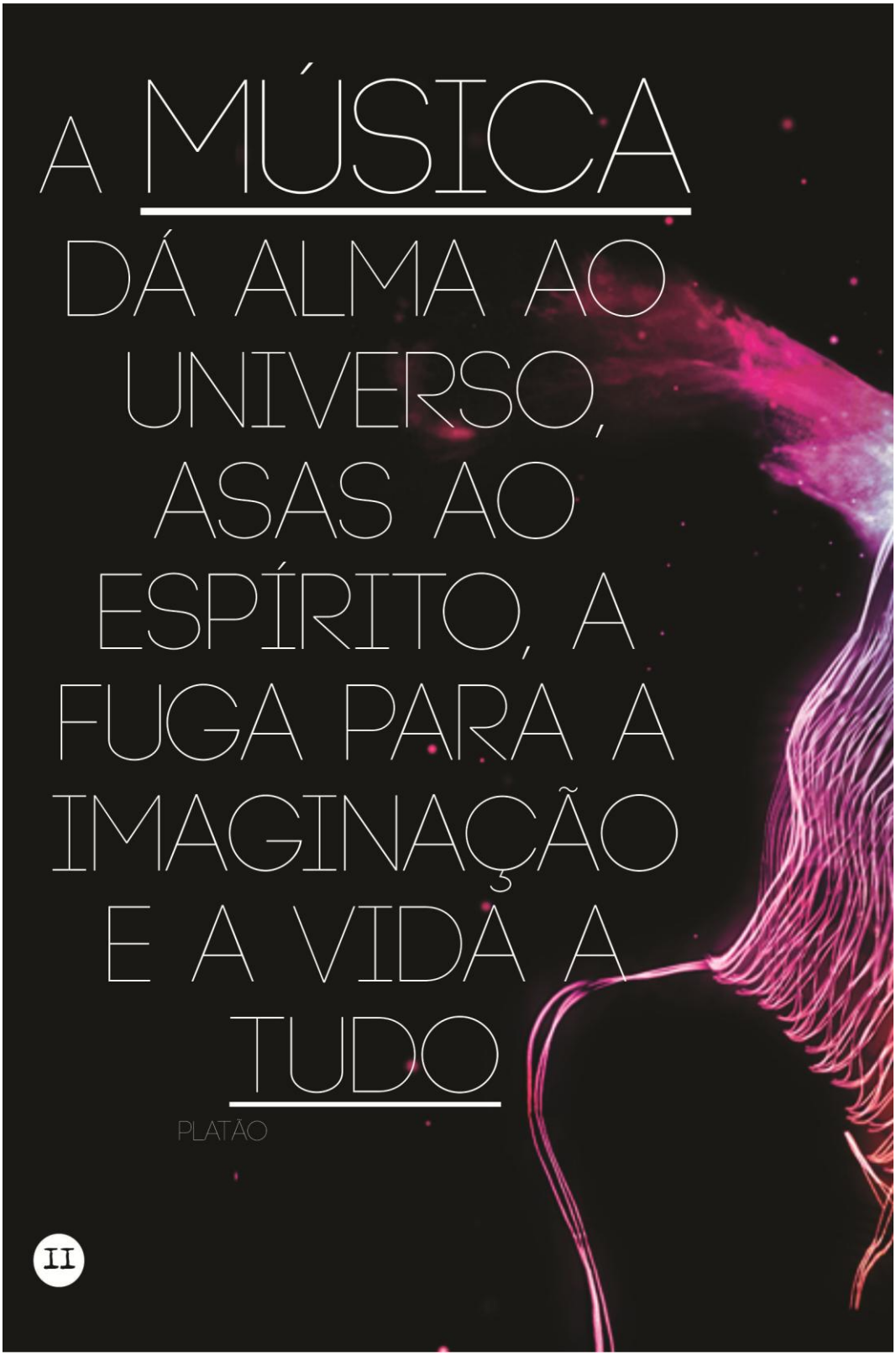
Com relação ao público independente, você acha que existe uma rejeição quando há um contrato com uma grande gravadora?

Muitas pessoas vão dizer que é uma banda vendida e que se entregou ao sistema, mas hoje em dia pra atingir a massa, tem que ter uma divulgação extensa, e sem um grande porta voz, o trabalho vai ser mil vezes mais árduo.

Quais os meios que você utiliza para a divulgação da sua banda no meio *underground*? Você acha que há um bom retorno?

Panfletos, Redes Sociais e boca-a-boca, e sim, o retorno é garantido, tudo que a gente bota energia e atenção, vai ser recompensado, tudo depende de como você quer que seja.

www.phonographia.com Ilustração por by Christoph Nieman


A MÚSICA
DÁ ALMA AO
UNIVERSO,
ASAS AO
ESPÍRITO, A
FUGA PARA A
IMAGINAÇÃO
E A VIDA A
TUDO
PLATÃO
II

I2
www.customize.org

Wado

O cantor Wado já tem 6 discos lançados, mas seu último álbum Samba 808 pode ser baixado gratuitamente em seu site www.wado.com.br. O disco contém a participação de vários artistas como Marcelo Camelo, Mallu Magalhães, Zeca Baleiro, Curumin, Chico César e Fernando Anitelli (Teatro Mágico). Samba 808 é a prova de um disco independente de qualidade, que parece ter sido esquecida pelos grandes veículos de divulgação. Segue abaixo trecho do texto escrito pelo cantor sobre o disco.

https://www.facebook.com/wadooficial?fref=ts

O disco inexistente

"Depois de conversas com alguns selos nada pareceu muito justo ou recíproco nos interesses e optamos por extremar o do it yourself deste álbum:

Estar em selo/gravadora servia para distribuição e para dar visibilidade, visibilidade gravadora não tem dado e distribuição... Os caminhos na internet têm resolvido isso melhor.

Este disco é um presente pra você.

Lançar ao mesmo tempo para o público e mídia foi nossa idéia, dando brechas para sorte e subvertendp as antigas prioridades do sistema de distribuição, que tinha como pré-requisito a aceitação da

mídia e espaços comprados para a divulgação.

As músicas estarão editadas de forma tradicional para rádio, TV e demais mídicas e irão gerar o direito autoral de praxe.

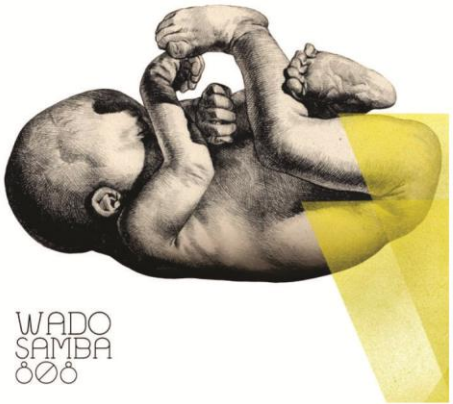


Imagem retirada do encarte Samba 808

Existem outras questões também relativas a lançar o novo disco digitalmente apenas, no site, disponibilizando todas as faixas e encarte, um contador de downloads será nosso termômetro.

Desta forma poupamos um pouco de plástico e papel deixando o disco apenas como uma obra intelectual sem suporte fixo para se ouvir, o que já é a prática da maioria (e que economiza um tanto de outras tralhas, não haverá informação tátil, pensamos mais pra frente de ter uma prensagem como souvenir de show, isso é incerto), damos um passo adiante em muitas questões, podemos ter problemas com a falta dele físico, mas me parece bem coerente com a cultura do mp3 de hoje e a natureza do disco nos 10 anos que estamos vivendo.
Aos blogueiros amigos, pedimos que postem/recomendem o disco apontando para o nosso site (http://www.wado.com.br/download/discos/wado-samba808-2011.zip) para que saibamos realmente quantos downloads foram feitos.

De ser o Samba 808 tocado com uma máquina velha reutilizada, de ser um refugo de tecnologia, é bem dentro do raciocínio. Baixa, deleita ou deleta, fofoca pros amigos que é bom ou ruim e convida os outros a clicarem neste borro de gêneros."

Wado

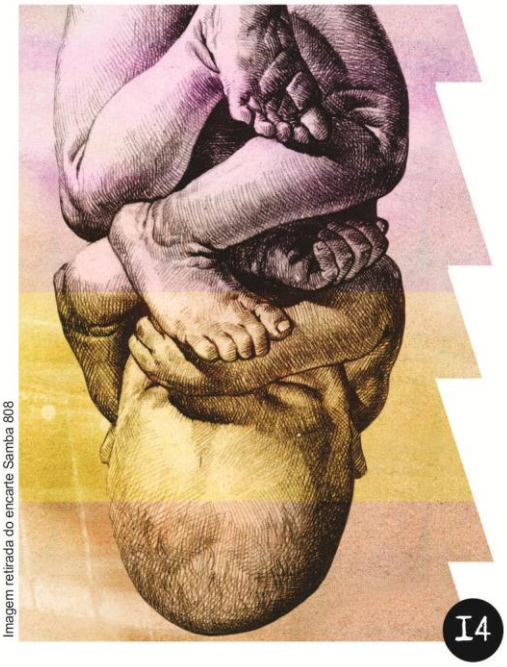
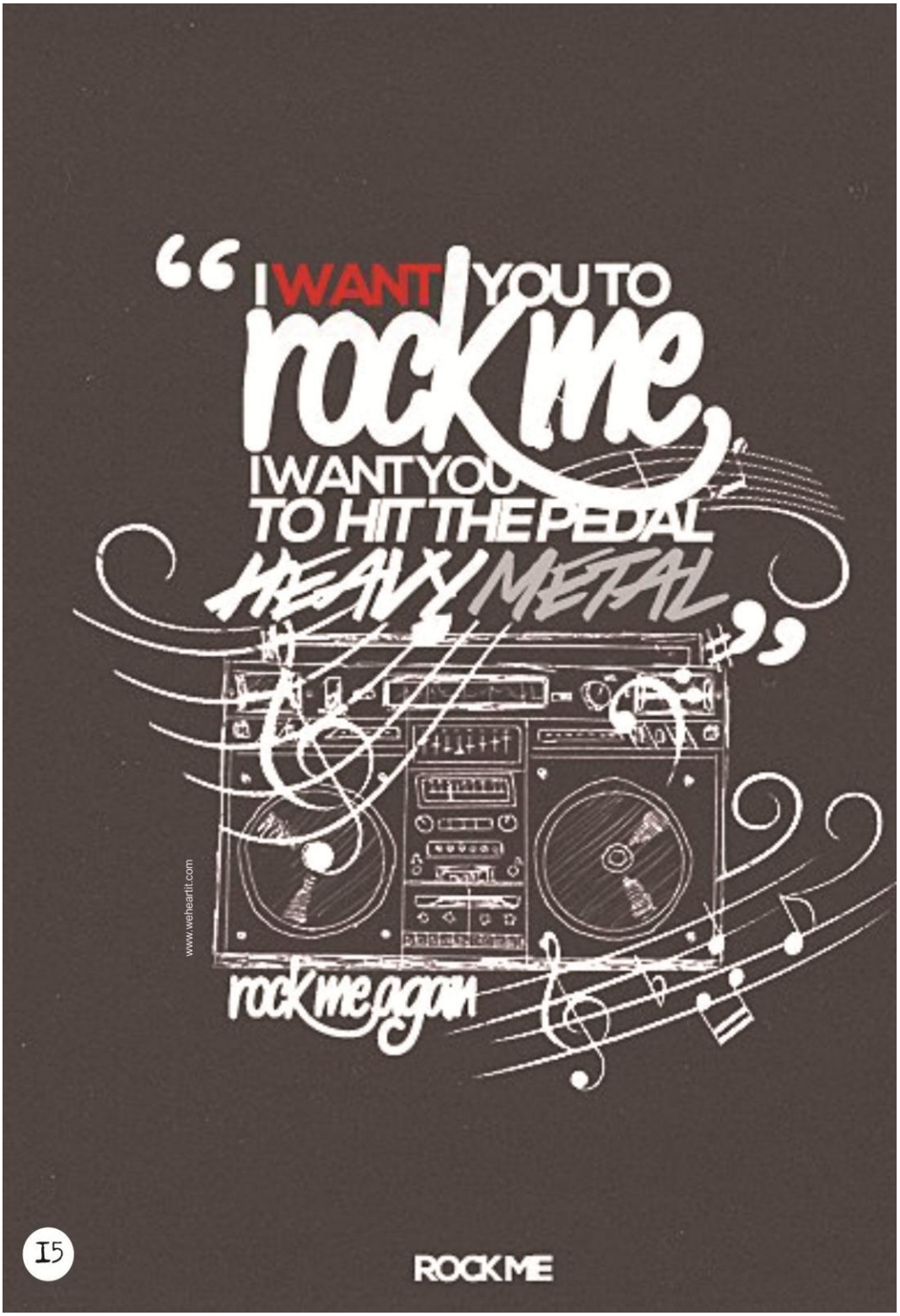


Imagem retirada do encarte Samba 808


"I WANT YOU TO
rock me
I WANT YOU
TO HIT THE PEDAL
HEAVY METAL"
www.weheartit.com
rock me again
15
ROCKME

random
access
memories
Esse
é o nome do novo
álbum da dupla francesa
Daft Punk que foi lançado no dia
21 de março.
No site
www.randomaccessmemories.com
os fãs podem assistir a série *The Collaborators,* como o nome já diz, os vídeos mostram as colaborações de artistas como: Giorgio Moroder, Todd Edwards, Nile Rodges, Pharrell Williams, Panda Bear, Chilly Gonzales, Dj Falcon e Paul Williams. Basta acessar e mergulhar na produção do disco.
Ilustração por Jimmy Zombie. Imagem retirada do site www.bloodyloud.com
I6

https://www.facebook.com/mundica.serelepe?fref=ts

Mundiça

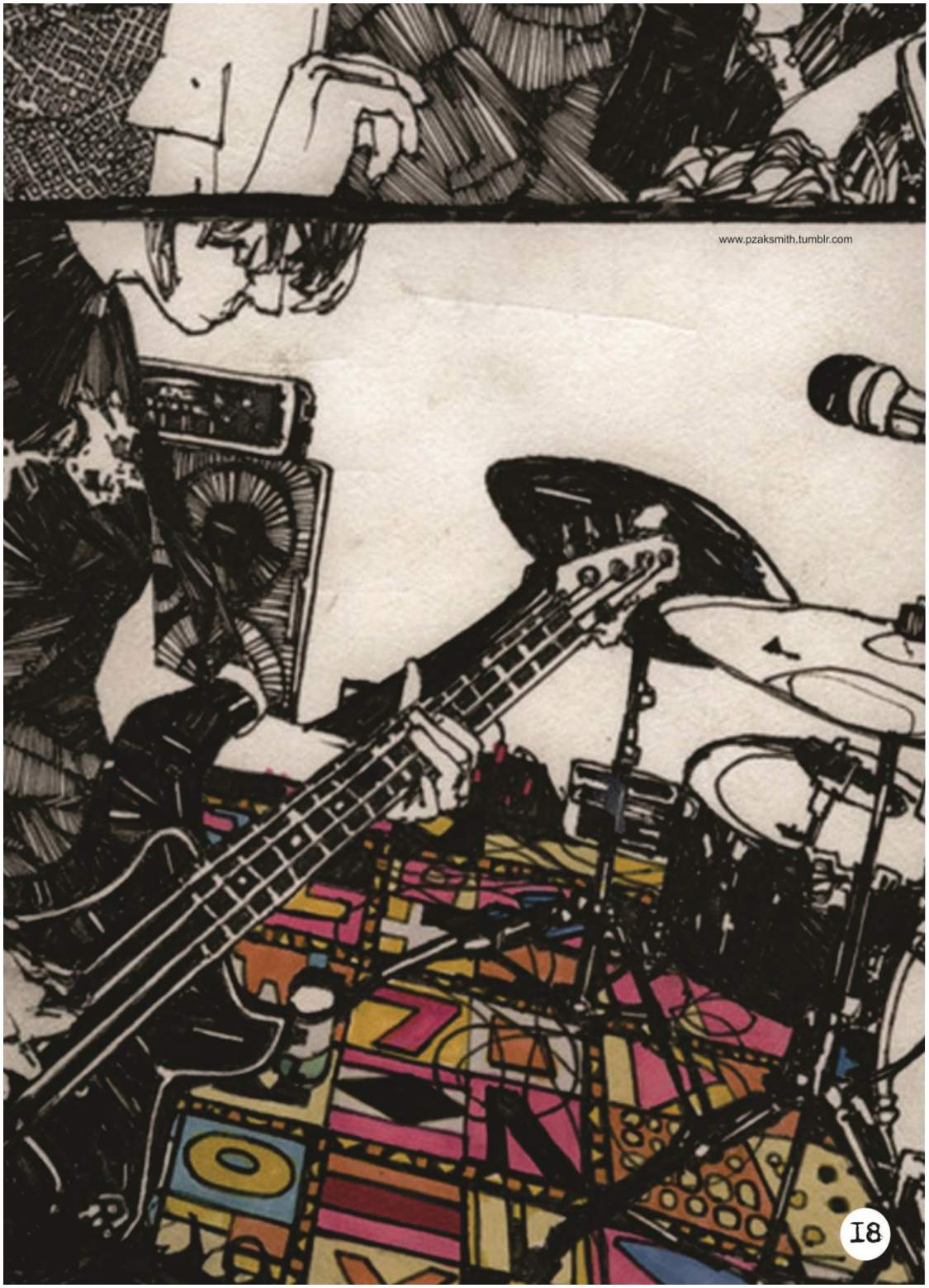
Filho da cantora Jane Duboc e do guitarrista americano Anthony Jay Vaquer e, além disso, sobrinho de Raul Seixas, o cantor Jay Vaquer, com cinco discos lançados e mais de 10 anos de carreira ainda enfrenta muitos "Jay Quem?".

É que o cantor paga o preço pela sua composição, em dias cujas letras das canções são monossilábicas. Letras como "Até que um dia agonizou ajoelhado com a boca roxa enfartando na balada", não são as preferências para se tocar numa rádio.

Quando perguntando, em seu blog www.fuzarca.blogger.com.br, se não teria medo de sua música "Ah, mas bem que você gosta" (Coprófaga), ser barrada nas rádios, o cantor respondeu: "Claro que não.Como posso ter medo de errar a coreografia se nem vou dançar?rs.. Não há essa expectativa.Se a pergunta quer saber se tenho medo de dificultar as possibilidades comerciais do que realizo em função de um tipo de «discurso" que utilizo e imprimo, a resposta também é não.- Nunca pautei o que realizo pelo critério que é tão subjetivo e nem me importa.Não subestimo ninguém e faço o que quero e preciso fazer. Além disso, como vc deve saber, o "buraco" que determina a presença de uma canção nas rádios, ou não, é beeem mais embaixo...rs".

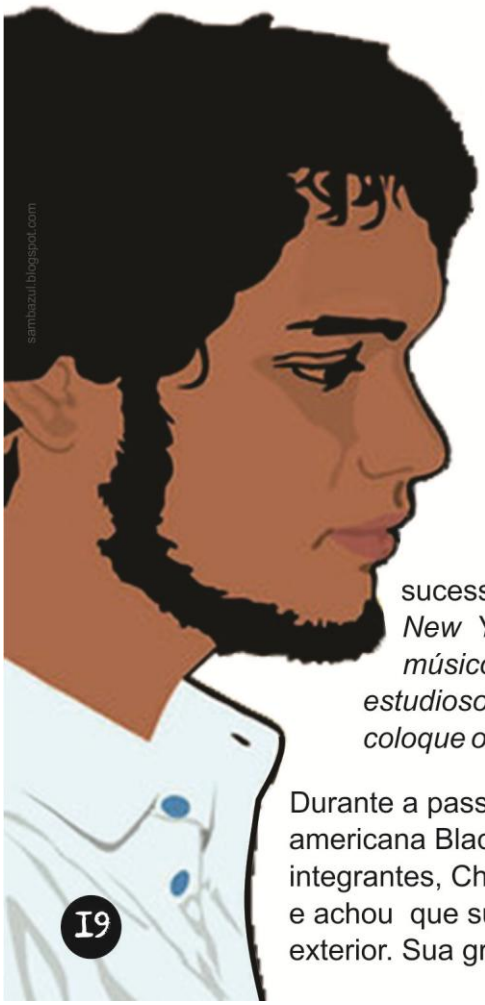
https://www.facebook.com/pages/Jay-Vaquer/209663663427?fref=ts

Apesar de toda a dificuldade, o que não falta a Jay Vaquer é qualidade e preocupação com o trabalho produzido. Para o ano de 2013, no www.jayvaquer.com.br o cantor está fazendo lista de cadastro reserva para dois álbuns que ele irá lançar: Autoral, com 10 canções próprias e lançamento previsto para setembro deste ano; e Série, onde o artista escolheu Guilherme Arantes para interpretar; o álbum tem previsão para Julho.


18
www.pzaksmith.tumblr.com

BRAZILIAN POP SHOW

LUCIANO NAKATA, PAULISTA E MULTIINSTRUMENTISTA



De começo a frase parece não ter sentido, mas esses dois itens são bases importantes para o trabalho do cantor mais conhecido (fora do País) por Curumin. Descendente de japoneses, o músico montou sua primeira banda ainda criança.

Iniciou sua carreira nos anos 90, nas bandas Sindicato do Groove e Zomba, que tinha como integrante a cantora Paula Lima. A partir de 2000, tocou bateria com artistas como Arnaldo Antunes, Céu e Vanessa da Mata.

Em 2003, Curumin lançou seu primeiro álbum solo, Achados e Perdidos, um disco dançante, urbano e espontâneo. Por aqui o disco não repercutiu muito, mas fez grande sucesso no exterior, sendo citado pelo jornal *The New York Times,* que o definiu como *"um dos músicos mais espertos de São Paulo, Curumin é estudioso do funk brasileiro e americano dos anos 70, coloque os dois juntos e você o encontra".*

Durante a passagem da dupla de hip hop norte americana Blackalicious pelo Brasil em 2004, um dos integrantes, Chief Excel, conheceu o trabalho do cantor e achou que suas músicas também teriam potencial no exterior. Sua gravadora *Quannum* é responsável pela

distribuição nos Estados Unidos.

Japan Pop Show é o segundo disco do músico, com uma pegada mais crítica, mas sem deixar o ritmo contagiante. O cd foi lançado em 2008 no Brasil, Estados Unidos e Japão. Rendeu ao Curumin, turnê internacional e participação em festivais como o SXSW.

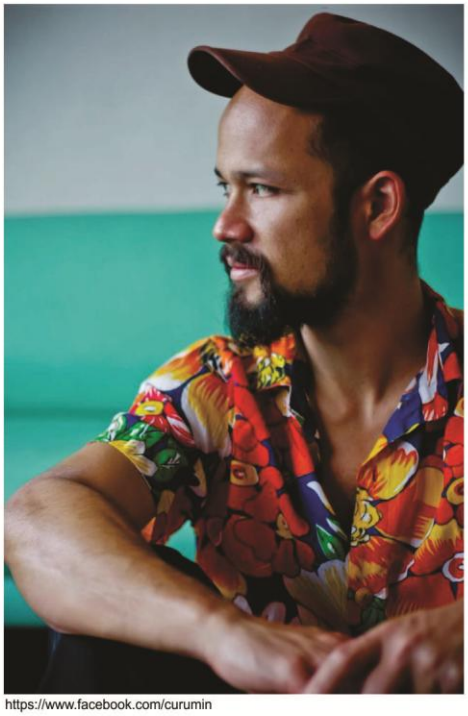
siart.blogspot.com

Em 2012, lançou Arrocha. Grande parte do disco foi gravada na casa do cantor. Em entrevista à revista Rolling Stone o cantor explica: *"Não havia lugar melhor para eu fazer o disco. Até comecei a gravá-lo em um estúdio, mas quando comecei a sentir o drama do relógio, porque o tempo e dinheiro estavam acabando, decidi ir para casa. E isso acabou me proporcionando mais liberdade com os instrumentos".*

pulselibre.com.br

Com a possibilidade de gravar em casa, Curumin pôde experimentar várias sonoridades e uma forma de produção mais barata. Foi o disco com mais recursos tecnológicos até então. Em entrevista à revista Trip ele disse: *"Se você vai gravar uma bateria são horas de estúdio e com tudo eletrônico vai direto, a gente precisa de menos equipamento de estúdio. É uma solução mais barata e mais adequada ao CD".*

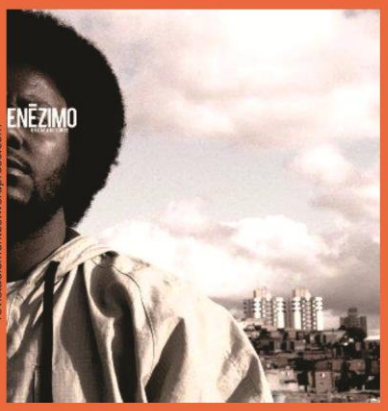
Com uma sonoridade diferente, que mistura samba, funk, soul e reggae, Curumin consegue chegar a uma enorme gama de públicos e trás com suas influências uma aproximação com o que o Brasil pode oferecer de qualidade musical.



https://www.facebook.com/curumin

Pau de Dá em Doido

www.facebook.compaudedaemdoido



revistaelementos.wordpress.com

www.massaladiversidade.com

O selo de rap paulista Pau de Dá em Doido, surgiu em 1998 e foi fundado pelo cantor Enézimo, na época integrante do grupo A.R.M.A.G.E.D.O.N.

Hoje, o selo tem destaque com as produções do DJ Nato Pk e Enézimo. Sempre valorizando melodias e letras, atualmente contam os artistas EriQ.I, André Sagat e participações de MC Stephanie, Projota e Rashid.

As vantagens de ser uma gravadora independente estão na loja virtual http://www.loja-paudedaemdoido.com.br/, os álbuns têm preços acessíveis e o que não falta são canções de qualidade.

Pau de Dá em Doido?

Segundo o site http://www.paudedaemdoido.com.br o nome foi inspirado de uma abordagem policial e após pesquisar na internet descobriram que também se trata de uma expressão que significa uma pessoa que faz de tudo para alcançar seus objetivos.

Links

Entrevista Curumin para Revista Trip

http://revistatrip.uol.com.br/so-no-site/arrocha-curumin.html

Entrevista Curumin para Revista *Rolling Stone*

http://rollingstone.uol.com.br/noticia/prestes-lancar-seu-novo-disco-curumin-fala-sobre-o-processo-de-producao-iarrochai/

Blog do cantor Jay Vaquer

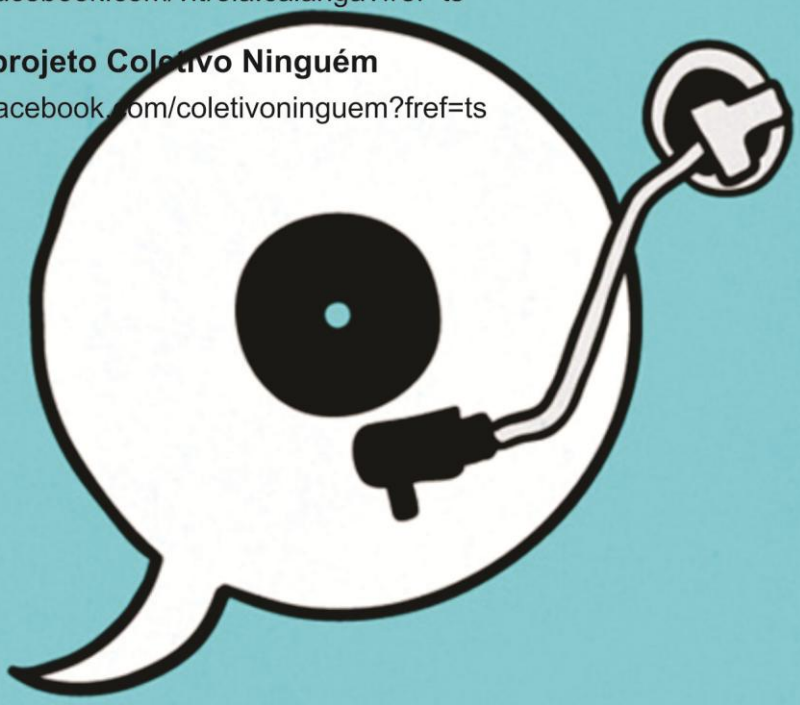
http://www.fuzarca.blogger.com.br/

Página da banda Vitrola Calanga

https://www.facebook.com/vitrola.calanga?fref=ts

Página do projeto Coletivo Ninguém

https://www.facebook.com/coletivoninguem?fref=ts



© TangYauHoong.com

http://jimmyzombieillustrator.tumblr.com

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo mostrar que é possível fazer uma produção com baixos custos, que informe e ajude a divulgar a cena alternativa. Por ser um fanzine, e como tema música *underground*, houve certa dificuldade na busca de informações para a composição do projeto, pois não se encontra muito conteúdo sobre os artistas.

Ainda existem poucos estudos sobre a arte do fanzine e devido a esse fato, as pessoas acham que o fanzine não existe mais. Mas ele não morreu, apenas migrou, e graças aos recursos tecnológicos, o fanzine deixou os mimeógrafos, máquinas de reprografia e colagens e passou a ser produzido pelas ferramentas de edição e reproduzido pela internet, mesmo esses recursos tecnológicos não sendo muito aceito pelos seus produtores. Essa é uma alternativa também viável a quem quer produzir uma revista independente.

Até hoje é uma maneira de ultrapassar a barreira de uma indústria que dificilmente abre espaço para iniciantes. Através do fanzine é possível encontrar uma maneira eficiente, ainda que de baixa circulação, para a divulgação de trabalhos artísticos.

Nesta edição do projeto, por ser a primeira, foram poucas matérias e apenas introduzindo a alguns artistas e gêneros da cultura *underground*. Com as próximas edições, esse fanzine pretende focar em bandas locais e nacionais para uma maior divulgação e valorização dos trabalhos alternativos.

É necessário que a busca pelos fanzines seja mais ampla e que se realize um estudo aprofundado sobre o fanzine nos dias atuais, suas adaptações na era tecnológica e seu papel como ferramenta de liberdade de expressão.

Referências

ADORNO, Theodor, e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. 3. Ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

MAGALHÃES, Henrique. **A Mutação Radical dos Fanzines**. 1. Ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

MAGALHÃES, Henrique. **O Rebuliço Apaixonante dos Fanzines**. 2. Ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2011.

MOURA, Roberto. **Sobre Cultura e Mídia**. 1. Ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 2002.

ORNELAS, Pablo. **Rock Underground: Uma Etnografia do Rock Alternativo**. 1. Ed. São Paulo: Radical Livros, 2007.